

## A FACE TRANSGRESSORA DO MOVIMENTO OS POETAS NA PRAÇA

Marcelise Lima de Assis<sup>1</sup>

Orientador: Dr. Washington Luís Lima Drummond

O interdito intimida,  
mas a fascinação introduz a transgressão  
(Georges Bataille 1987, p. 45)

Entre a transgressão e a tradição, como descreve Douglas de Almeida (2015)<sup>2</sup> organizador do livro que reúne alguns poemas dos artistas do *Movimento Poetas na Praça*, podemos fazer algumas leituras iniciais, uma vez que este ainda é um trabalho inicial de pesquisa. Transgressor em relação às tradições do próprio tempo, não para negá-lo, mas para afirmá-lo, tendo em vista uma resignificação a partir da transgressão. O grupo mostrou-se determinado a constranger a realidade do tempo, não somente questionar o estado, o qual vivia ainda em momento de ditadura, mas toda e qualquer forma hegemônica, hierarquia, de viés moral, burocrático etc.

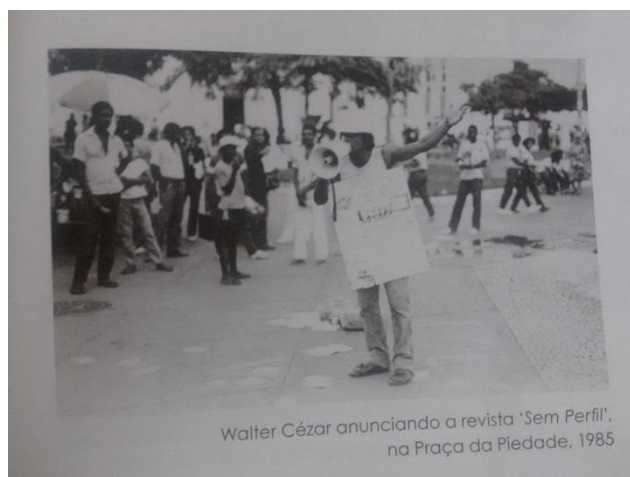
O movimento nasceu na rua - Praça da Piedade em Salvador Bahia no ano de 1979 -, levou poesia para o povo na/da rua, e mais, queria chamar o povo para o espaço de poesia, e para ver a poesia em cada momento de suas vidas, buscava pela liberdade na sua mais alta voz, construíram uma voz coletiva de poesia popular, pautado no engajamento e enfrentamento aos ditames vividos pelas ditaduras, além de discutirem sobre literatura e artes de um modo geral, buscaram romper com as questões de forma dos textos, questionar o conservadorismo nas artes, constrangendo o viés mais acadêmico de produção e escrita que se queria hegemônico e institucionalizado, tinha em seus textos expressões que eram lidas como radicais para sua época, uma vez que questionavam a moral que pretendia e ou anulava o povo e o corpo daquilo que ele pode.

Nos conceitos Bataillianos, a transgressão aparece como uma investida informe, nesse sentido, o movimento os poetas na praça recriou o lugar para a poesia do seu tempo, tirando as dos livros para coloca-las nas praças, tirando-as do jogo de formas na escrita, como podemos observar na imagem que segue

---

<sup>1</sup> Graduada em Letras, com habilitação em Língua Portuguesa e literaturas. Mestranda em Crítica Cultural. Endereço eletrônico: lisy\_assis@hotmail.com

<sup>2</sup> ALMEIDA, Douglas de. *Movimento poetas na praça: entre a transgressão e a tradição*. Organização Douglas e Almeida. Salvador: Câmara Municipal, 2015.



Na fotografia notamos um dos membros do grupo com o que eles chamam de ‘instrumento de trabalho’<sup>3</sup>, alto-falante que usavam para recitar os poemas em praça pública, “dentro desta política de divulgação do tipo de trabalho que estão desenvolvendo, já levaram a seis cidades interioranas a poesia de praça. Somente em Euclides da Cunha mais de duas mil pessoas para ouvir e aplaudir a poesia”<sup>4</sup>. Percebemos assim, que uma militância política em mergulhos literários motivou o movimento, quanto mais eram reprimidos pelo estado, mais forte se faziam e mais pessoas se reuniam a eles. Desse modo, cabe uma indagação: o que pode uma ditadura e ou qualquer forma de interdito? E o que pode um corpo afastado daquilo que ele pode? A quicá de alguma resposta, ela pode anular, silenciar um povo/corpo, como aconteceu na década de 1970, na qual a palavra ficou em crise - como pode despertar neles a vontade de potência e ação contra a repressão como ocorreu com o movimento em questão.

Tradutores de um tempo através da oralidade, da escrita, do corpo, da rua, contribuíram, a seu modo, para o fim de todo aquele momento de repressão em que vivia o Brasil, podemos aqui, chama-los de poetas do engajamento, atrelados com as questões sociais. Para Douglas de Almeida (2015, p. 17) em prefácio do livro sobre o movimento, diz que “[...] a arte tinha que deixar de ser elitista e um privilégio de poucos”. Ou melhor, era preciso levar a arte para as ruas, popularizar a poesia, constranger a realidade a qual viviam por meio da declamação dos textos de modo espontâneo, com performances corporais e com muito humor, criando uma ação e estilo político-cultural para o movimento.

---

<sup>3</sup> Ver Jornal A Tarde, em 20 de novembro de 1979 reportagem ‘Na praça, no meio do povo, eles mantêm o valor da poesia’ por Jolivaldo Freitas – disponível também em livro organizado por Douglas de Almeida, página 125, referenciado anteriormente.

<sup>4</sup> Ver Jornal A Tarde, em 20 de novembro de 1979 reportagem ‘Na praça, no meio do povo, eles mantêm o valor da poesia’ por Jolivaldo Freitas.

Suas publicações eram por meio de mimeógrafos, forma que os produtores tinham de fazer circular suas artes naquela época, segundo Douglas de Almeida (2015), a primeira antologia se deu em 12 de Setembro de 1979 com apoio do Instituto Cultural Brasil Alemanha. Assim, Douglas de Almeida (2015), a partir de seu conhecimento e por ser parte do movimento, dentre as diversas fases que passou o movimento, ele destaca três:

[...] o primeiro, de 1979 até 1982, como um grupo mais fechado e politizado; o segundo, de 1983 a 1986, com uma característica de movimento, ou seja, com subgrupos com propostas distintas; e o terceiro, de 1987 até 1989, caracterizado por posturas mais individualistas e pela sua gradativa diluição. (ALMEIDA, 2015, p. 18).

Como todo movimento, os poetas na praça também tiveram seus momentos específicos durante o tempo, uma vez que, cada tempo possui especificidades peculiares tanto em estado nacional, quanto local, nesse sentido, percebe-se que após o final da ditadura militar o grupo se diluiu, mostrando ainda mais sua marca de resistência ao tempo. A primeira fase foi marcada pelo lema *abaixo a ditadura*, a segunda pela *diversidade* e a terceira pela *fragmentação*. Historicamente, sendo um movimento dos anos 1980, se insere no que ficou chamado de poesia marginal dos anos 1970.

Pensar o conceito de transgressão em Georges Bataille a partir da face literária do movimento em estudo é pensar não a negação de tudo que foi produzido antes, mas, sua afirmação. Se a arte era elitizada, se ela era para poucos, como vimos anteriormente, e o movimento se colocou nas ruas, podemos supor que o problema poderia girar em torno das editoras e academias. Nada muito afirmativo, visto que, aqui, estamos abrindo caminhos para uma busca posterior. Estariam as editoras limitadas às suas próprias temáticas? Estariam as academias julgando o que é ou não um fazer literário? Estaria o pensamento dos poetas na praça questionando alguma norma vigente no mundo editorial? São inquietações que posteriormente poderão ser problematizadas através de um estudo aprofundando dos poemas, das imagens, das performances, por meio também de entrevistas – pois entendemos que não dá para separar a arte do artista, sendo ele um ser social.

Em um primeiro momento podemos ler que havia a resistência às imposições do estado, muitos dos poetas foram presos, tiveram seus instrumentos de trabalho presos com a justificativa de que eles declamavam poemas obscenos, o que levou Jorge Amado a comentar que “só o povo pode censurar os poetas, deixando de ouvi-los ou de lê-los”<sup>5</sup>, em outro momento, no mesmo noticiário o

---

<sup>5</sup> Ver o capítulo de publicação dos cartazes e jornais sobre o movimento em livro organizado por Douglas de Almeida e que está referenciado no final do texto, mas especificamente na notícia: Polícia, em Salvador, não quer poetas declamando na praça, Jornal O globo, 12 de Julho de 1982.

comentário – “A alegação de versos obscenos foi apenas o pretexto que encontraram, mas o que queriam mesmo era acabar com os poemas sociais”<sup>6</sup>.



Como vimos no poema-imagem, havia uma rejeição aos poetas na praça, pois eles pareciam ameaçar a estrutura social, o texto e a imagem levantam questionamentos sociais, sobretudo de consciência de classe, de levar o trabalhador a entender que ele é objeto de exploração do signo do capital. Mas, diante de toda censura, tentativa de expulsão, os poetas continuavam resistindo na cidade.

Para Georges Bataille (1987, p. 42) “a transgressão não é a negação do interdito, mas o ultrapassa e o completa” entendendo interdito aqui como proibição que normatiza a vida cotidiana, que organiza o corpo social, o que em Bataille está atrelado às questões religiosas. Para ele “não existe interdito que não possa ser transgredido” (1987, p. 42) assim, podemos entender que o interdito existe para ser transgredido. Se pensarmos no movimento os poetas na praça, diríamos que, quando é entendido como movimento *heterogêneo*, nos remete a toda uma diversidade, nas palavras de Jolivaldo Freitas, no jornal *À tarde* podemos ler:

Todos os dias, dez ou mais poetas estão se reunindo na Praça da Piedade, em recitais improvisados. O público é heterogêneo. Mas aos poucos se torna cativo. São os vendedores ambulantes, comerciantes, lojistas, bancários, estudantes e os moradores locais, que toda as tardes, na boca da noite, sentam nos bancos, fazem roda, ouvem, criticam e aplaudem os versejadores. (FREIRAS, Josivaldo. Na praça, no meio do povo, eles mantêm o valor da poesia. À tarde, 20 de novembro de 1979)<sup>7</sup>.

Assim, para Drummond (2015, p. 206) heterologia é um termo oriundo da anatomopatologia e está ligado à morbidez dos tecidos, em Bataille ele é entendido “como uma espécie de economia dos

---

<sup>6</sup> Ver na referencia da nota número 6.

<sup>7</sup> Ver em livro organizado por Douglas de Almeida nas referências deste texto.

resíduos, de restos não assimiláveis, por vezes abjetos, que rompem e esgarçam as estruturas homogêneas, afirmando aquilo que não pode ser recuperável e que corrompe as formas”. Assim, pensar o heterogêneo em Bataille nos remete ao movimento informe, o qual trabalha como um operador, “não para imaginar o sem forma, mas para denunciar e desqualificar as formas vigentes em sua implicação com o que se espera no domínio social, político e estético”. (DRUMMOND, 2015, p. 208). Sendo o movimento os poetas na praça uma ação heterogênea, o que para Drummond, 2015, p. 207 “é a oposição a qualquer possibilidade de representação homogênea da realidade”, esta afirmação se faz pertinente para pensarmos ao que essa heterogeneidade resistia no campo literário, sobretudo baiano, uma vez que o contexto social do movimento é baiano, como se dava o modo de produção homogêneo do sistema literário da época etc., respostas que teremos no decorrer da pesquisa, ou não, visto que estamos adentrado a um mundo investigativo, o que não nos coloca diante de certezas à priori, se assim fosse, não haveria razão de ser uma pesquisa de caráter científico.

#### **REFERENCIAS:**

ALMEIDA, Douglas de. *Movimento poetas na praça: entre a transgressão e a tradição.* (Org.). Douglas e Almeida. Salvador: Câmara Municipal, 2015.

BATAILLE, Georges. *O erotismo.* Trad. Antonio Carlos Viana. Porto Alegre: L&PM, 1987.

DRUMMOND, Washington. Sacrifício das formas: da estética ao sujeito. *Revista Ideação*, n. 31, jan./jun. 2015.

